

**DEUS E O DIABO NO  
EVANGELHO DE  
SARAMAGO: A  
REPRESENTAÇÃO DO BEM E  
DO MAL COMO OS DOIS  
LADOS DA MESMA MOEDA**

*GOD AND THE DEVIL IN  
SARAMAGO GOSPEL:  
REPRESENTATION OF THE  
GOOD AND EVIL AS THE TWO  
SIDES OF THE SAME COIN*

**Márcia Elizabeti Machado de Lima<sup>1</sup>  
(UNEMAT)**

---

<sup>1</sup> Doutoranda no Programa de Pós Graduação em Estudos Literários, na UNEMAT/Tangará da Serra, MT. marceliza@gmail.com

**RESUMO:** Tomamos como objeto de estudo *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*, de José Saramago, publicado em 1991, em que reconta o nascimento, vida e morte de Jesus de Nazaré, como personagem humanizada. Fizemos opção pelo recorte da relação entre o Bem e o Mal, metaforizada na construção das personagens Deus e o Diabo. Lemos a obra como recriação da história bíblica, na perspectiva da intertextualidade/interdiscursividade, de modo mais específico pelo recurso da paródia, da ironia e da carnavalização, à luz das propostas teóricas de Mikhail Bakhtin, Julia Kristeva e Linda Hutcheon. Procuramos compreender o processo de retomada do texto bíblico pelo romancista, através do qual se altera substancialmente o significado da versão “original”. Para tanto, dialogamos com diversos críticos que já se debruçaram sobre as obras de Saramago.

**PALAVRAS-CHAVE:** Religião; Evangelho. Romance; Humanização.

**ABSTRACT:** We take as an object of study *The Gospel According to Jesus Christ*, by José Saramago, published in 1991, which recounts the birth, life and death of Jesus of Nazareth as humanized character. We opted for clipping the relationship between good and evil, metaphorically in the construction of characters God and the Devil. We read the work as recreating the Biblical story from the perspective theoretically defined as intertextuality / interdiscursivity, more specifically the parody feature, irony and carnivalization in the light of theoretical proposals of Mikhail Bakhtin, Julia Kristeva and Linda Hutcheon. We seek to understand the process of recovery of the biblical text by novelist, through which substantially changes the meaning of the “original” version. Therefore, we dialogued with several critics who have pored over the works of Saramago.

**KEYWORDS:** Religion; Gospel; Romance; Humanization.

## 1. Introdução

*Os múltiplos olhares que o romance coloca na narrativa são um avanço em relação ao olhar estreito que quer determinar o comportamento humano a partir de um único enfoque.*

(ANTONIO MAGALHÃES)

O romancista português contemporâneo José Saramago, de grande expressão e importância no mundo das letras, ganhador do Prêmio Nobel de Literatura no ano de 1998, tem como marca de suas obras a construção de universos outros, paralelos à História, registrando através da literatura a memória da alma do povo. Em linguagem eminentemente metafórica e escrita singular, seu texto contém parágrafos longos, se vale, quase sempre, apenas da vírgula como sinal de pontuação, não separando discurso direto (falas e diálogos) e indireto. Requer, portanto, fina atenção à leitura, como enfatiza Pinheiro: “Essa exigência de maior atenção ao código de seus textos faz com que o leitor se sinta mais imerso dentro das realidades e fantasias que Saramago tão bem consegue criar” (1991, p.316). Adicione-se a isso a atitude contra ideológica com que estabelece novos sentidos e instaura a tensão, numa postura insubordinada que produz efeito técnico de recriação, a partir de uma visão crítica com matizes do Neorrealismo, entendido este como “método de abordagem da realidade. É uma escrita dialética que procura representar a realidade em movimento” (ABDALA Jr e PASCHOALIN, 1990, p.160). Assim, Saramago constrói cenários nos quais reflete verdades cristalizadas, ideologias cristãs e dogmas até então inquestionáveis, com interpretação pessoal e anticanônica dos fatos.

Como ateu confesso, interessado na história das religiões enquanto fenômeno humano, como ele mesmo declara “religião é uma criação humana”, o autor trabalha em *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*, ao qual referimo-nos a partir de agora, como O.E.S.J. C, a

figura de um Jesus histórico que ganha existência e personalidade diferentes do que até então se convencionou ou acreditou. Saramago cria, assim, um Cristo baseado em suas próprias dúvidas, como confirma em entrevista à Revista *Vip Exame*: “escrevi esse romance não para resolver uma questão pessoal entre mim e um Deus em que não creio, mas sim para conhecer um personagem chamado Cristo, a partir do qual toda a cultura que me cerca foi criada” (1992, p.49). Mesmo não crendo, se Deus existe para os outros, existe também para ele, segundo sua específica convicção pessoal. Assim, nessa nova e especial história de Jesus, testemunhamos a recriação de um Jesus que se nos apresenta como um “humanista radical, que com vigor toma o partido dos homens [...]” (TOLEDO, 1991, p.90).

Tendo participado ativamente da vida cultural e política de seu país, Saramago, morto em junho de 2010, viveu os últimos anos na Ilha Lanzarote, no arquipélago espanhol das Canárias. Segundo ele não foi um exilado, mas a decisão pessoal de sair de Lisboa se deu após o Governo português ter censurado a sua participação num concurso internacional em que representaria o país com o livro *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*. A censura se deu sob a alegação de que a obra era ofensiva às crenças do povo. E poderia ter sido muito mais severa, estivéssemos nós em outro período, ou seja, aqueles longos anos em que não se permitia questionar o poder de Deus e da Igreja, a Pátria e as autoridades instituídas. A quem destoasse desse ritmo, como se sabe, estavam reservados os porões da Ditadura Salazarista que teve fim com a Revolução dos Cravos, em 1974.

Em O.E.S.J.C., a polêmica se instala a partir do próprio título, pois sabemos que Jesus, nascido há dois mil anos, não foi quem contou a história da sua vida. Seria, portanto, o próprio autor numa criação polifônica, que ao dar vez e voz às personagens no romance, revela a sua própria postura, através de parábolas sustentadas por imaginação, compaixão e ironia.

Explorando as metáforas com graça e leveza, sem jamais perder a visão utópica, esse autor de obras globalizantes como o

define Melo e Castro, “[...] é produtor de meta-ficção, em que os movimentos de releitura e auto-interrogação, reflectem as próprias posições existenciais e críticas” (1998, p.81). Dessa feita, colocando-se como novo evangelista, ousa recontar uma história tantas vezes já contada e que, por isso mesmo, requer forte dose de invencionismo para que se instituíam novos sentidos sobre os já existentes, preenchendo, artisticamente, as lacunas deixadas pelos contadores que o antecederam.

Mesmo viajando sempre na “máquina do tempo”, Saramago rejeita o rótulo de Romance Histórico às suas obras, pois, segundo ele, todo romance é histórico, entre outras razões, porque “o Presente é, de algum modo, uma contínua invenção nossa, uma espécie de vacilante passarola que nos vai agüentando entre céu e terra, entre as perplexidades do Futuro e as irremediabilidades do Passado” (CARVALHAL, 1999, p.35). As questões que o preocupam seriam, então, essencialmente voltadas para o homem “nas diversas fases de sua evolução e sua aventura sobre a Terra, seria o homem a sua matéria prima” (TOLEDO, 1991, p.90).

Recorremos, novamente, a Melo e Castro por expressar tão bem o que pensamos: “nesse romance se atinge um grau superlativo simultaneamente de transgressão histórica e de posicionamento existencial de uma activa consciência social” (1998, p. 75). Entendemos que seja pela preocupação de produzir vinculado ao lugar social que ocupa que os romances de Saramago recebem o rótulo de históricos, por serem releituras que “[...] investem profundamente na intertextualidade, na invenção, na superação do realismo documental [...]” (OLIVEIRA FILHO, 1993, p.13).

Daí a importância da narrativa de Saramago no romance contemporâneo, por não defender a simples retratação do real, mas a sua recriação, como analisa Oliveira Filho: “Recria-se o mundo ficcional pela revitalização de sentidos e construção textual, fundada na produtividade de intertextos, onde o velho aparece com um novo sentido” (1993, p. 11,12), na medida em que abriga em sua produção

elementos recolhidos do mundo externo que ao serem trabalhos esteticamente, se tornam internos, garantindo a excelência da qualidade literária.

A ideia do dialogismo fica patente em O.E.S.J.C. com o narrador infiltrando-se, constantemente, no discurso bíblico como se o absorvesse, embora o que faz seja transformá-lo. Aprendemos com Bakhtin que essa transformação se faz pelo discurso carnalizado, em que “Após penetrar na palavra do outro e nela se instalar, a idéia do autor não entra em choque com a idéia do outro, mas a acompanha no sentido que esta assume, fazendo apenas este sentido tornar-se convencional” (1981, p.68). Proclama-se, então, a renovação e a relatividade, sobrepondo-se a um conteúdo acabado, por vezes profanando o que é tido como divino e/ou divinizando o que é tido como profano.

Nessa perspectiva, às vezes, recorre a obras clássicas como a tragédia grega *Édipo Rei*, ao referir-se à escrava Zelomi – personagem tomada dos Evangelhos Apócrifos – lembra o enigma da esfinge: “[...] qual é o animal que anda sobre quatro patas de manhã, duas à tarde e três ao anoitecer, é o homem, respondeu o espertíssimo Édipo [...]” (O.E.S.J.C. p. 217). Outras vezes, embora não cite Aristóteles, transplanta para o seu texto a lição do grande mestre: “[...] os pensamentos são o que são, sombras que passam, e não são bons nem maus em si mesmos, só as acções é que contam” (O.E.S.J.C. p. 254).

Às incursões filosóficas juntamos a linguagem poética e o profundo lirismo que são marcas do seu estilo, presente em todas as obras e nessa, em especial, tem no casal Jesus e Maria de Magdala a sua fonte maior de inspiração, como observamos nos trechos seguintes de uma das declarações feitas à amada pela personagem Jesus:

Mesmo quando não possas entrar, não te afastes de mim, estende-me sempre a tua mão mesmo quando não puderes ver-me, se o não fizeres, esquecer-me-ei da vida, ou ela me esquecerá. (...) Olharei a tua sombra se não quiseres que te olhe a ti, disse-lhe, e ele respondeu, Quero estar

onde a minha sombra estiver, se lá é que estiverem os teus olhos. (O.E.S.J.C., p. 431).

Construído sobre as bases do texto bíblico canônico O.E.S.J.C. vem cumprir a função de desnaturalizar e entender a eficácia ideológica do discurso mítico, que conforme Barthes (1973) tende a impedir a verdadeira compreensão das coisas e dos fatos históricos, políticos e das relações humanas.

Sabemos que a insistência em assuntos ligados à fé nas obras de Saramago, que veio culminar em O.E.S.J.C., em que Deus é tratado como anti-herói, rendeu-lhe críticas severas, inclusive do Vaticano, por ocasião da escolha do autor como Prêmio Nobel de Literatura, quando o jornal L'Osservatore Romano pronuncia-se dizendo que o livro “dá testemunho da visão essencialmente anti-religiosa do escritor” (GRAIEB, 1998, p.144).

Quase lhe valendo a excomunhão, por tratar Jesus Cristo de forma demasiadamente humana em O.E.S.J.C., ele viria dois anos depois publicar a peça *In Nomine Dei*, que na sua introdução reporta-se às críticas sofridas pela publicação de O.E.S.J.C. e traça um paralelo entre a razão do homem e o instinto dos animais, para falar da irremediável história da intolerância humana, política e religiosa,

Entre o homem, com a sua razão, e os animais com o seu instinto, quem, afinal, estará mais bem dotado para o governo da vida? Se os cães tivessem inventado um deus, brigariam por diferenças de opinião, quanto ao nome a dar-lhe. Perdigueiro fosse, ou Lobo d'Alsácia? E, no caso de estarem de acordo quanto ao apelativo, andariam gerações após gerações, a morder-se mutuamente por causa da forma das orelhas ou do tufado da cauda do seu canino deus? (SARAMAGO, 1993, IN: INTRODUÇÃO).

Em seguida, alerta aos leitores ou talvez a um público de opinião contrária (autoridades civis e eclesiásticas) para que não

tomem as suas palavras como novo desrespeito aos assuntos da religião, como sucedeu com a *Segunda Vida de Francisco de Assis* e ao *Evangelho Segundo Jesus Cristo*. Já que não é culpa sua nem de seu “discreto ateísmo” se “em Münster, no século XVI, como em tantos outros tempos e lugares, católicos e protestantes andaram a trucidarem-se uns aos outros em nome do mesmo Deus – In Nomine Dei - para vir a alcançar, na eternidade, o mesmo Paraíso” (SARAMAGO, 1993, IN: INTRODUÇÃO).

O.E.S.J.C. é construído na perspectiva da circularidade, inicia-se dando o tom da intertextualidade, dialogando com outra forma de arte, a obra plástica *A Grande Paixão*, do artista alemão Albrecht Dürer que recria a crucificação de Cristo. Sem perder nenhum detalhe, o narrador passa da descrição à interpretação, fazendo uma leitura humanística do que vê, faz uma observação que é pertinente tanto à obra de Durer quanto ao seu Evangelho, “[...] nenhuma dessas coisas é real, o que temos diante de nós é papel e tinta, mais nada.” (O.E.S.J.C., p.13). Como se estivesse a alertar seus leitores de que a vida de Cristo é aí matéria de ficção, chama a atenção, portanto, para o fato de poder haver total exercício de liberdade de ambas as partes, ou seja, de quem constrói o texto e de quem o lê, o leitor colaborador, participante da descoberta da nova configuração que se institui através do dialogismo e da abertura polissêmica.

A esse propósito, lembremo-nos a noção de dialogismo de Bakhtin “[...] é a escrita em que se lê o outro, o discurso do outro, é atração e rejeição, resgate e repelência de outros textos” (FÁVERO IN: BARROS e FIORIN, 1994, p.50). E nesse processo de atrair e rejeitar temos um Jesus, conforme Perrone-Moisés, “nem totalmente divino, nem totalmente humano: é uma personagem de ficção” (1999, p.240). A autora, ainda, comenta que a questão que se coloca é a da possibilidade de se acreditar ou não nessa personagem no espaço de tempo da leitura da obra. E responde com palavras do próprio narrador, “Pois tudo vai é da maneira de dizer” (O.E.S.J.C.p.239). E refletindo sobre a sua própria escrita ele comenta o porquê das formas escolhidas para contar, colocando-se como



um verdadeiro contador de histórias, explica em outras palavras que o herói tem que ser construído como um homem comum, que passa por coisas grandes e pequenas, e que esse seria “o processo narrativo que melhor serve o sempre desejado efeito de verossimilhança [...]” (O.E.S.J.C. P. 222). Proclama-se legítimo e competente narrador, sempre em diálogo com as fontes autorizadas:

[...] nomes que aqui se deixam registados para estorvar qualquer suspeita de fraude histórica que possa, acaso, perdurar no espírito de todas aquelas pessoas que destes factos e suas versões tenham obtido conhecimento através doutras fontes, porventura mais acreditadas pela tradição, mas não por isso mais autênticas (O. E.S.J.C., p. 39).

Ao escolher como procedimento textual iniciar a obra pela morte de Cristo, no segundo capítulo temos a revisitação da conhecida história da concepção e nascimento do herói dessa narrativa, culminando ao final com a sua morte. Fecha-se assim, um círculo, pois dessa vez não haverá ressurreição. Mesmo havendo restrições a respeito desse círculo, às quais Vieira chama de irregularidades do círculo, quando analisa que a morte da forma como é tratada na obra plástica de Dürer no primeiro capítulo “[...] adquire uma dimensão transcendental, espiritual e fictícia, enquanto o desfecho do romance se compõe em volta de uma realidade concreta, humana e material”.

Ao final do primeiro capítulo, após a narração do episódio da boa ação do homem que matou a sede dos três crucificados (Jesus e os dois ladrões) com a mistura de vinagre e água, o que na Bíblia é tratado como maldade, o narrador acrescenta:

[...] vai se embora, não fica até ao fim, fez o que podia para aliviar as securas mortais dos três condenados, e não fez diferença entre Jesus e os Ladrões, pela simples razão de que tudo isto são coisas da terra, que vão ficar na terra, e delas se faz a única história possível (O.E.S.J.C., p.20, grifos nossos).

Mesmo sabendo não ser a nossa a única interpretação possível da ausência da ressurreição em Saramago, que entendemos ter sido anunciada desde o primeiro capítulo, através da parte grifada nessa citação, defendemos que isso faz parte do projeto literário de humanização e quebra da aura mítica de Cristo, perseguido pelo autor desde a forma como recontou a concepção, a anunciação, o nascimento da personagem. E de acordo com Perrone-Moisés “para os que acreditam na redenção divina, isso pode ser visto como um rebaixamento, mas para os que acreditam na redenção dos homens pelos próprios homens, deve ser visto como um apelo realista à reflexão e à ação histórica” (1999, p.249). Encontramos respaldo para essa possibilidade de leitura quando lemos o trecho que pode ser compreendido como uma chamada do narrador ao leitor: “[...] quando se tornou patente que Deus não vem nem dá sinal de chegar tão cedo, o homem não tem mais remédio que fazer-lhe às vezes e sair de sua casa para ir pôr ordem no mundo ofendido [...]” (O.E.S.J.C., p.139).

## 2. Desenvolvimento

[...] Se tu acabas eu acabo, para que eu seja o Bem, é necessário que tu continues a ser o Mal, se o Diabo não vive como Diabo, Deus não vive como Deus, a morte de um seria a morte de outro [...] (O.E.S.J.C.).

A escolha da epígrafe, acima, se deu por compreendermos que traz a essência do que pretendemos explorar da relação entre os personagens Deus e o Diabo. O Bem e o Mal não são os dois lados de uma mesma moeda? Não seriam, pois, Deus e o Diabo personagens com forças similares dentro do Cristianismo? No século II o filósofo grego Celso – crítico do cristianismo – já contestava que os cristãos fossem monoteístas, pois acreditavam no Demônio e achavam que ele podia contrapor-se a Deus. A crença dos cristãos na capacidade que o Diabo possui de competir com

Deus faria do “Inimigo”, também, um deus, tão citado nas igrejas quanto o seu “duplo”, o Deus com pretensões de ser único. No entanto, Toledo se opõe a isso afirmando que a questão não é tão simples, as forças não estão no mesmo nível. Segundo ele, “No Cristianismo, Satanás se opõe a Deus, mas lhe é inferior. Faz seu jogo, mas está previamente condenado à derrota [...]” (TOLEDO, 1996, p.76).

A fala de Toledo está em consonância com o que se sucede em O.E.S.J.C. no episódio do encontro entre Deus, Jesus e o Diabo – em alto mar, naquela “manhã de nevoeiro” – em que o último tem a sua proposta de reconciliação rejeitada por Deus. Trava-se ali uma espécie de combate entre Deus e o Diabo, após um enfoque bastante crítico, com cinco páginas dedicadas ao relato de Deus sobre os nomes daqueles que morreriam por questões relacionadas à fé e às formas pelas quais seriam executados. A esse respeito Tenório conclui: “Seu relato é pior do que a lista de Schindler: ninguém escapa. Guerras, matanças, perseguições, fogueiras, cenário sombrio [...]” (1998, p.132). E completa o horror com palavras da própria personagem Deus: “uma história interminável de ferro e de sangue, de fogo e de cinzas, um mar infinito de sofrimento e de lágrimas” (O.E.S.J.C., p.381).

Diante da carnificina narrada, Jesus bastante sensibilizado questiona: “[...] sendo verdadeiro e único, nem assim podes evitar que os homens morram por ti, eles que deviam ter nascido para viver por ti [...]”, sem nenhuma compaixão o Pai responde-lhe: “os homens sempre morreram pelos deuses, até por falsos e mentirosos deuses [...]” (O.E.S.J.C., p. 380).

Ao contrário da falta de sensibilidade mostrada por Deus pelas mortes que haveriam de acontecer em seu nome, o Diabo, que nenhuma vez, nessa inversão paródico-irônica fez jus a ser chamado de o representante do mal, pelo contrário, aparece ora como o anjo da anunciação, ora como um Pastor, de quem Jesus recebe ensinamentos de ética, teologia, independência, liberdade, etc.,

mostra-se compadecido pelas mortes narradas. Arrisca-se, assim, o Diabo, a interferir nos planos de Deus, com o argumento de que se ele é a causa da desobediência, da não adoração a Deus, queria, então, ser recebido no céu outra vez, sendo obediente, não ousando querer ser igual a Deus, nem se rebelando contra a sua autoridade. Como prova dessa intenção, ainda diz: “[...] eu cantarei, na última e humilde fila dos anjos que te permaneceram fiéis, mais fiel então do que todos, porque arrependido, eu cantarei os teus louvores [...]” (O.E.S.J.C., p. 392).

Se fosse eliminada a figura do Mal considerada a raiz de toda a rebeldia, os homens naturalmente se voltariam para Deus, sem necessidade do sacrifício de Cristo na cruz, das mortes nas Cruzadas, ou pela Santa Inquisição que mataria todos que cometessem a heresia de duvidar de Deus e/ou ousassem crer em outros deuses, conforme reza o evangelho de Saramago: “[...] então se acaba aqui hoje o mal, teu Filho não precisará morrer, o teu reino será não apenas esta terra de hebreus, mas o mundo inteiro [...]” (O.E.S.J.C., p. 392).

Mas, na recusa de Deus à proposta do Diabo, o narrador cria argumentos para a sua personagem, de modo a convencer-nos de que nesse episódio o Diabo mostrou-se muito mais sensível e bem intencionado que Deus, que, em resposta ao Diabo, disse que não o queria de volta como um anjo de luz. E mais que isso, propôs que, se possível, se transformasse em pior, pois quanto pior ele fosse mais revelaria a bondade de Deus: “[...] porque este Bem que eu sou não existiria sem esse Mal que tu és, um Bem que tivesse que existir sem ti seria inconcebível [...]” (O.E.S.J.C., p.392). As palavras de Deus são de pleno acordo com as já ditas a Jesus, pelo Diabo na figura do Pastor, anteriormente, na narrativa: “[...] olha que se encontrássemos o Diabo e ele deixasse que o abrissemos, talvez tivéssemos a surpresa de ver saltar Deus lá de dentro” (O.E.S.J.C., p.242). Até mesmo os anjos de um e de outro, às vezes, é impossível de serem diferenciados. É como se um fizesse contraponto ao outro.

Convém observarmos que na obra, desde o momento da anúncio da gravidez de Maria, esse jogo vem existindo: “[...] quando um e outro estão de acordo, não se pode distinguir um anjo do Senhor de um anjo de Satã [...]” (O.E.S.J.C., p.254). Seríamos nós, então, feitos à imagem e semelhança dos dois, carregando cada um o Bem e o Mal, na mesma medida, dentro de si.

Segundo a socióloga Maria das Dores Machado, um dos papéis do Diabo, hoje, seria o de marketeiro. Utilizado pelas Igrejas sensacionalistas “Ele insere-se na competição religiosa, afinal trata-se de um mercado, e sua figura é explorada para ganhar adeptos” (1996, p.79). Observamos que a grande maioria da humanidade só frequenta uma Igreja com o objetivo de livrar-se do mal, dos castigos eternos. Enfim, do inferno, onde o mal (Diabo) reina para todo o sempre.

De acordo com Gouveia, antropóloga e estudiosa do assunto, em muitos programas religiosos exibidos nos meios de comunicação “[...] o demônio funciona como um chamariz” (1996, p.79). A cura é prometida ao telespectador se ele aderir à Igreja, que irá ensiná-lo a como se livrar dos males do demônio, o que demonstraria que “O demônio é o principal instrumento da mídia para atrair fiéis, e quando o Diabo é colocado diariamente nos programas evangélicos, a audiência aumenta” (1996, p.79).

Reportamo-nos ao texto parodiado pensando a paródia com o significado de “canto paralelo (de para=ao lado de e ode=canto), incorporando a ideia de uma canção cantada ao lado de outra, como uma espécie de contracanto” (FÁVERO, 1994, p.49). Ou, recuperando a metáfora da árvore-mãe figurada por Motta, temos que “Cada obra revive o seu passado perdido no jardim da infância” (MOTTA, 2006, p. 21). Assim, encontramos nos Evangelhos de Marcos e de Mateus a raiz do discurso proferido pela Igreja, a explicação da doença como resultado do pecado do homem. Quando da passagem da cura do “Paralítico de Capernaum”, ao invés de Jesus dizer-lhe que estava curado, disse “Filho, perdoados estão os teus

pecados”. (Mc, 2:1-12; Mt, 9:1-8), resultando na crença de muitos de que o “salário do pecado é a morte”. Com base nisso alguns até deixam de buscar a cura na medicina, acreditando que a fé possa salvá-los dos pecados, e em consequência, curá-los da doença.

Sobre isso, o narrador-evangelista comenta que “[...] os pecados são outra coisa, os pecados atormentam por baixo do que se vê, não são perna coxa nem braço tolhido, não são lepra de fora, mas são lepra de dentro.” ( O.E.S.J.C., p.402).

O que fica dessa leitura é o que já nos ensinou Motta, em qualquer tempo em que se produz uma narrativa esta sempre se alimentará da ceiva da árvore-mãe, sempre se fará pelo movimento de ruptura e tradição, o novo jamais existirá por si. Seja como escritura, no sentido de repetir a tradição, seja no sentido de transgressão, em que se busca negar a tradição. Segundo o autor, “passado e presente de uma obra podem ser recuperados num espelho que reflete arquetipicamente”. O artista da palavra acabará, sempre, enredado nas malhas de um tecido, que mesmo às vezes, parecendo esgarçado, sempre se renova. E Motta completa: “A lâmina do espelho em questão é formada pelo uso de uma linguagem artística, gerada no útero do gênero e elaborada a partir do desenvolvimento das formas narrativas” (2006, p.21).

Não tendo, então, a sua proposta aceita por Deus, no texto de Saramago o Diabo perde a batalha e o narrador inverte parodicamente o texto bíblico do episódio da “tentação”, “numa escrita transgressora que engole e transforma o texto primitivo: articula-se sobre ele, reestrutura-o, mas, ao mesmo tempo, o nega” (FÁVERO, 1994, p. 53). É o próprio Diabo que afirma “não se diga que o Diabo não tentou um dia a Deus [...]” (O.E.S.J.C., p. 393). A tentação, aqui, é invertida para um sentido positivo de ter provocado a Deus para que mudasse os seus planos e desistisse de crucificar o próprio Filho, utilizando o bom senso, evitando o derramamento de sangue, sobre o qual conclui: “É preciso ser-se Deus para gostar tanto de sangue.” (O.E.S.J.C., p. 391).

Nessa versão romanceada temos a imagem de um Deus que chega a caracterizar-se pelo cinismo, ao revelar suas ambições de poder à custa do sacrifício de seu Filho. Afinal, estava insatisfeito em ser o deus de um “povo pequeníssimo”, queria “alargar a influência, ser deus de muito mais gente [...]”. Quando Jesus pergunta-lhe qual seria seu papel nesse plano, o Pai lhe responde: “O de mártir, meu filho, o de vítima, que é o que de melhor há para fazer espalhar uma crença e afervorar uma fé”. E o narrador ainda comenta, ironicamente, que as palavras “mártir” e “vítima” soaram prazerosamente, “[...] saíram da boca de Deus como se a língua que dentro tinha fosse de leite e mel [...]” (O.E.S.J.C. p. 370). Enquanto Jesus atemorizava-se e pensava em pedir-lhe que afastasse dele esse cálice de “coquetel envenenado”. Questionando o Pai como seria essa morte, a resposta veio em tom de zombaria: “a um mártir convém-lhe uma morte dolorosa, e se possível, infame, para que a atitude dos crentes se torne mais facilmente sensível, apaixonada, emotiva [...]” (O.E.S.J.C., p.371).

Ao que Jesus, contrariando a submissão dos Evangelhos Canônicos insurge-se contra os caprichos do Pai de maneira taxativa: “Rompo o contrato, desligo-me de ti, quero viver como um homem qualquer [...]”. Pobre Jesus iludiu-se achando que poderia evitar beber do cálice da amargura. Sem dó, nem piedade, o Pai o desilude: “Palavras inúteis, meu filho, ainda não percebestes que estás em meu poder [...] Tudo quanto a lei de Deus queira é obrigatório [...]” (O.E.S.J.C., p. 371). É, portanto, a velha história recontada com uma lógica impecável, a lógica da boa ficção. Confirmando o que diz Perrone-Moisés “esse Deus é o supremo representante de todos os tiranos do mundo, e Jesus, o de todas as vítimas inocentes. Até mesmo o Diabo, nessa história, é menos cruel que Deus [...]” (1999, p.243).

Enquanto conhecedores que somos da história bíblica como enfatiza o narrador logo no início, esclarecendo o funcionamento intertextual, ao atuar como reflexão crítica sobre o processo de composição “[...] tendo em conta o grau de divulgação, operada

por artes maiores e menores [...]” (O.E.S.J.C., p. 15), não sendo nós habitantes doutro planeta sabemos que Jesus não teria saída. Assim o entendeu também Segolim, parafraseando as palavras do narrador:

O filho precisava morrer, não pela humanidade, mas para maior honra, poder e glória de Deus, que só assim se transformaria, pela seara da culpa e do pecado e pela arma poderosa do perdão, em Pastor, Senhor e Proprietário único de toda a humanidade, e não mais apenas do pequeno rebanho de judias ovelhas (1999, p. 281 - 282).

Na tentativa de não beber do “cálice de fel”. o Filho ainda questionou ao Pai: por que não ia ele próprio à conquista dos povos, talvez implicitamente dizendo, por que não se entregava ele mesmo à cruz, ao invés de sacrificá-lo? O Pai, então, respondeu-lhe “não é eticamente correto um deus interferir no território do outro, para isso serve-se do homem [...] pau para toda colher, desde que nasce até que morre está sempre disposto a obedecer [...]” (O.E.S.J.C., p.372).

Em patente recusa de Deus e escolha do Filho “vai se construindo um diálogo entre o romance de Saramago e a teologia, essa teologia (não outra, evidentemente) que se concebe como crítica e resistência e que recusa as caricaturas de Deus [...]” (TENÓRIO, 1998, p.139). Jesus, então, preocupou-se em saber se pelo menos o seu sacrifício contribuiria para que os homens vivessem mais felizes, ao que o Pai responde-lhe presunçoso: “Mais felizes, o que se chama felizes, não direi, mas terão a esperança duma felicidade lá no céu onde eu eternamente vivo, portanto a esperança de viverem eternamente comigo [...]” (O.E.S.J.C., p.379, grifos nossos).

O texto nos leva a pensar que daí advém a acomodação da maioria dos seres humanos de não lutar pelos seus direitos de uma vida melhor, já que se passa a viver com a esperança de que no céu seremos todos recompensados pelos sofrimentos terrenos. Remetemos, também, à lembrança do Sermão da montanha, das beatitudes,



no Evangelho de Mateus, quando Jesus ensinava aos discípulos sobre as bem-aventuranças destinadas aos pobres de espírito, aos que choram, aos mansos, aos misericordiosos, aos limpos de coração, aos pacificadores e aos que sofrem perseguição, porque todos têm prometido o reino do céu como recompensa. Não importa, então, que sofram em vida, “Exultai e alegrai-vos, porque é grande o vosso galardão nos céus: porque assim perseguiram os profetas que foram antes de vós” (Mt, 5:12).

Observe-se que neste novo Evangelho Jesus, ainda, contesta diante da resposta do Pai, perguntando-lhe: “Nada mais”. O Pai, cheio de orgulho, devolve-lhe a interrogação: “Parece-te pouco, viver com Deus [...]” (O.E.S.J.C., p.379). A esse respeito, Segolim, pertinentemente, observa: “Deus-Pai quer os filhos de Adão, a fim de anular a solidão em que tem vivido desde a expulsão de seu casal de primogênitos” (1999, p.282). Na sequência destas ponderações, Jesus, então, conclui: “faltam-te os homens”. Ao que, prontamente, o Pai completa: “Pois faltam, e para que eles venham a mim é que tu serás crucificado” (O.E.S.J.C., p.379). Não satisfeito, o filho ainda o inquiriu mais uma vez se não deveria oferecer as alegrias da vida, na terra, aos homens. Ao que o Pai retrucou dizendo serem falsas as alegrias terrenas por terem nascido com o pecado original.

Notemos, pois, que o Pai, em momento algum, pensou em melhorar a vida do homem, mas tão somente em ganhar adeptos e alargar o seu poder. Registre-se, também, que novamente, apontando para os acontecimentos futuros, Deus fez uma longa exposição das formas diversas de renúncia à vida no seu sentido pleno, e de clausura, a que muitos se submeteriam com o propósito de viver exclusivamente em adoração a Deus, até morrer com o seu nome na boca. Implacável Deus é então este, a quem só satisfazem as culpas e sacrifícios, como se o homem só pudesse chegar a Ele pelo sofrimento, nunca pela alegria.

Em prosseguimento, para exemplo de clausuras, Deus citou nomes de várias ordens religiosas distintas. Ao que o Diabo

observa, portanto, haver duas maneiras de morrer: “[...] uma pelo martírio, outra pela renúncia [...] castigando-se por terem nascido com o corpo que Deus lhes deu e sem o qual não teriam onde pôr a alma [...]” (O.E.S.J.C., p.387). O Diabo ainda cuidou de esclarecer que tais tormentos não foram inventados por ele, “[...] não me lembro de ter sido eu quem inventou o pecado e o seu castigo, e o medo que neles há sempre” (O.E.S.J.C., p.386). Refletindo, também, sobre isso Reich observa: “A humanidade nunca conseguiu responder à pergunta de como pode haver o Mal, se um Deus perfeito criou e governa o mundo e os homens” (1991, p.02). Pois, neste Evangelho, Jesus ouvindo falar de renúncias, clausuras, sofrimentos, guerras e matanças, inevitavelmente, lembrou-se da morte dos inocentes, da qual Deus disse ter-lhe poupado e ao que sabiamente responde: “Poupaste-me a vida para me fazeres morrer quando te aproovesse e aproveitasse, é como se me matasse duas vezes” (O.E.S.J.C., p.388).

Neste mesmo contexto de horrores, Deus falou em seguida das guerras religiosas que aconteceriam em nome de sua aceitação, em lugar de um deus que estava por surgir e disputar espaço com ele. Referia-se a Alá que seria revelado ao profeta Maomé, dando início à chamada “Guerra Santa” que nunca teve fim, no Oriente Médio. E, explicando o que seriam as Cruzadas, falou, ainda, dos lugares chamados Santos, onde Jesus nasceu, viveu e morreu, os quais seriam disputados por enormes exércitos vindos do ocidente:

[...] um deus virá e lançará contra nós, e os que então nos seguirem, povos inteiros, não, não tenho palavras bastantes para contar-te das mortandades, das carnificinas, das chacinas, imagina o meu altar de Jerusalém multiplicado por mil, põe homens no lugar dos animais, e nem mesmo assim chegarás a saber ao certo o que foram as Cruzadas (O.E.S.J.C., p.388).

Enfim, tudo isso e muito mais em nome de Deus, ou “In Nomine Dei”. Mas, palavras dele próprio “Deus é Deus, não tem

remorsos” (O.E.S.J.C., p.390). Vale tudo, portanto, nessa luta por se alcançar o mesmo Paraíso na eternidade, conforme palavras de Saramago na introdução da peça “In Nomine Dei”. Também é certo, como ele disse em entrevista quando ainda estava escrevendo O.E.S.J.C., que essa seria uma nova incursão num campo que está presente em quase todos os seus livros, que é a religião como poder, a Igreja como poder, advertindo que essa obra seria uma viagem à origem desse poder, com objetivo de desconstruí-lo, oferecendo-nos, assim, a chave da compreensão da longa e irremediável história da intolerância humana.

Diante disso, são compreensíveis as críticas do Vaticano, por ocasião da escolha de Saramago como Nobel de Literatura, mesmo porque não aceita essa visão humanista do autor, que pode ser chamada de “nova visão teológica”, como o escritor paradoxalmente afirma: “É preciso muita religiosidade para construir um ateu como eu”, defensor radical do homem na figura de Jesus, com sua dor e sua revolta. Tal teologia (negação de Deus) poderia deduzir-se que está de acordo com a proposta de William Hamilton ao falar da procura do homem moderno, de uma solução para o significado último da existência humana,

O homem moderno deve reconhecer, afirmar e até desejar a morte de Deus. Deve aprender a reconhecer que o homem, neste mundo, é completamente independente e autônomo. Deve aprender a viver com a incerteza radical, sem a hipótese Deus, num mundo sem Deus, onde só o amor pode dar sentido à existência humana (1998, p.137,138).

Visualizamos na proposta de Hamilton, pois, a plena conformidade com o que se propõe nas obras de Saramago, especialmente em O.E.S.J.C., em que se investe contra os deuses e a religião, enquanto representação do poder, tomando o homem como matéria-prima de sua ficção o defende com um sentimento quase religioso.

É pertinente lembrarmos o que a esse propósito diz Norberto Perkoski: “Saramago apresenta a sua visão de Cristo em que valoriza o humano em detrimento da apropriação da divindade pela Igreja como instituição [...]” (1994, p.488). Ressaltemos, também, a interpretação dada por Barreto à ideia de Reich, de que Cristo “era, por assim, dizer, um ser em plena comunhão com a natureza, um ser cósmico que oferecia às pessoas a possibilidade de se reintegrarem ao todo, de religar-se, como sugere o termo religião” (2000, p.131). Ou, valendo-nos da metáfora da onda e do oceano que o mesmo Reich utiliza, poderíamos dizer que Cristo é a possibilidade do retorno da onda ao oceano, através da profunda humanidade na qual se realiza a sua divindade. Portanto, ao dizermos que Saramago humaniza Cristo ao extremo, estaríamos ao mesmo tempo, dizendo que nesse processo o homem também estaria sendo enaltecido, divinizado.

Portanto, a personagem Jesus nessa nova ótica é dotada de humanidade plena, com toda a complexidade da essência do ser humano que sofre, ama, revolta-se, ensina, aprende, duvida, inclusive, da necessidade do sacrifício na cruz, do qual o Pai não abre mão, levando o seu plano cruel até o fim. E no exercício da liberdade plena da criação literária, o nosso novo evangelista não deixa que o mito faça a vida triunfar sobre a morte. Afinal, Jesus não queria morrer como salvador da humanidade, mas como “um simples homem [...] que andasse a levantar o povo para derrubar Herodes do trono e expulsar da terra os romanos [...]” (O.E.S.J.C., p.436). Por isso, não há ressurreição. Eis a força do cruzamento paródico, quebra-se, então, nessa personagem, a aura mítica de uma imagem que há dois mil anos vem se frutificando.

## Referências

ABDALA Jr. e PASCHOALIN, M<sup>a</sup> Ap<sup>a</sup>. **História Social da Literatura Portuguesa**. 3<sup>a</sup> ed. São Paulo: Ática, 1990.

ALMEIDA, João Ferreira de. (trad.) **Bíblia sagrada**. São Paulo: sociedade bíblica do Brasil, 1969.

ALVES, Rubem. **O que é Religião**. São Paulo: Abril Cultural Brasiliense, 1984.

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoievski**, (trad) Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense/Universitária, 1981.

BARRETO, André Valente de Barros. **A Revolução das Paixões**. São Paulo. Innablume, 2000.

BARTHES, Roland. **Mitologias**. Paris: Sewil, 1973.

BASTAZIN, Vera. **A Construção do Herói mítico em O.E.S.J.C.**, In: José Saramago: uma homenagem. (org) Beatriz Berrini. São Paulo: EDUC, 1999.

BRIDI, Marlize Vaz. **O Evangelho de Saramago: a Paixão de Cristo em Perspectiva**. In: Saramago Segundo Terceiros. (org) Lílian Lopondo. São Paulo: Humanitas/ FFLCH/USP, 1998.

**Caderno de Terceiro Mundo**. São Paulo: suplemento, nº 194. Abril/1996.

CALBUCCI, Eduardo. **O Evangelho Segundo Jesus Cristo: Entre a Glória e a Blasfêmia**. In: Saramago: um roteiro para os romances. Cotia-SP: Ateliê Editorial, 1999.

CARVALHAL, Tânia Franco (org.). **Saramago na Universidade**. Porto Alegre: Ed. Universidade – UFRGS, 1999.

DUARTE, Lélia Parreira. **A Mediação da Ironia na Crise da Utopia: A Literatura Portuguesa no Final do séc. XX**. In: Atas do I Encontro de Centros de Estudos Portugueses do Brasil. Maria Helena Ribeiro da Cunha (org.) v.2.São Paulo: Humanitas. FFLCH/USP, 2001.

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano: A Essência das Religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FÁVERO, Leonor Lopes. **Paródia e Dialogismo**. In: Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade: em torno de Bakhtin. Diana Luz Pessoa de Barros e José Luiz Fiorin (orgs). São Paulo: EDUSP, 1994.

GRAIEB, Carlos. **O Nobel em Português**. In: Veja, 14 de Outubro, 1998. nº 41.

HAINZ, Josef et ali. **A Bíblia Explicada**. (trad.) Enio Paulo Giachini.

Petrópolis-RJ: Vozes, 2000.

HAMILTON, Willian Apud Waldecy Tenório. **A Confissão da Nostalgia**. In: Saramago Segundo Terceiros. (org.) Lílian Lopo. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1998.

HUTCHEON, Linda. **Uma Teoria da Paródia**. Rio de Janeiro: Edições 70, 1985.

KLINTOWITZ, Jaime. **Uma Mancha no Coração da Igreja**. Veja, 24 de Abril, 2002. n° 16.

KRISTEVA, Júlia. **Introdução à Semanálise**. São Paulo. Perspectiva, 1974.

KUNG, Hans. **Cristo com face humana**. In: Veja, 19 de janeiro, 1977, n° 437.

MACHADO, Maria das Dores apud Roberto Pompeu de Toledo. **A atualidade de Satanás**. In: Veja, 31 de Julho, 1996. n° 31.

MAGALHÃES, Antonio. **Deus no Espelho das Palavras**. Teologia e Literatura em diálogo. São Paulo: Paulinas, 2000.

MELO e CASTRO, E. M. **Saramago Entrevisto**. Vãos da Fênix Crítica. V. II, Lisboa: Edições Cosmos, 1998.

MOISÉS, Leyla Perrone. **O Evangelho Segundo Saramago**. In: José Saramago: uma homenagem. (org.) Beatriz Berrini. São Paulo: EDUC, 1999.

MOTTA, Sérgio Vicente. **O Engenho da Narrativa e Sua Árvore Genealógica: das origens a Graciliano Ramos e Guimarães Rosa**. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

NIETZSCHE, F. **O Anti-Cristo**. Coleção Clássicos. Lisboa: Editorial Presença, S.d.

OLIVEIRA FILHO, Odil José de. **Carnaval no convento: Intertextualidade e paródia em José Saramago**. São Paulo: UNESP, 1993.

PERKOSKI, Norberto. **A Representação do Leitor na Obra O.E.S.J.C**. In: Anais do XIV Encontro de Professores Universitários Brasileiros de Literatura Portuguesa e a Renovação do Discurso Literário. 03 a 07 de agosto de 1992. Porto Alegre: EDIPUC-RS, 1994.

PINERO, Antonio. **O outro Jesus segundo os Evangelhos Apócrifos**. Moema – SP: Mercuryo/Paulus, 2002.

PINHEIRO, Célio. **Introdução à Literatura Portuguesa**. São Paulo: Pioneira, 1991.

REICH, Wilhelm. **O Assassinato de Cristo**. São Paulo: Martins Fonte, 1991.

SARAMAGO, José. **O Evangelho Segundo Jesus Cristo**. Rio de Janeiro: Record, 1991.

\_\_\_\_\_. **In Nomine Dei**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SEGOLIM Fernando. **O Evangelho Às Avessas de Saramago ou Divino Demasiado Humano ou o Deus Que não Sabe o Que Faz**. In: José Saramago: uma homenagem. (org). Beatriz Berrini. São Paulo: EDUC, 1999.

TENÓRIO, Waldecy. **A Confissão da Nostalgia**. In: Saramago Segundo Terceiros. (org.) Lílian Lopondo. São Paulo: Humanitas/ FFLCH/USP, 1998.

TOLEDO, Roberto Pompeu. **Sacerdote do Pecado**. Veja, 27 de março, 2002. nº12.

\_\_\_\_\_. **A Atualidade de Satanás**. In: Veja, 31 de Julho, 1996. nº 31.

\_\_\_\_\_. **Cristo e o Deus cruel**. In VEJA, 06 de novembro de 1991.

TUFFANI, Maurício. **O que aconteceu depois da Páscoa**. In: Galileu, Abril 2001/ Ano 10/ nº 117, Globo.

VERMES, Geza. **A Religião de Jesus, o Judeu**. In: Galileu, Abril 2001/ Ano 10, nº 117, Globo.

VIEIRA, Agripina Carriço. **Da história ao indivíduo ou da exceção ao banal na escrita de Saramago do Evangelho Segundo Jesus Cristo a todos os nomes**. In: Colóquio/ Letras nº 151,152. Lisboa: Codex, 1998.

**VIP EXAME**, São Paulo: Setembro/1992.